



AMANDA

NARA VIDAL

Foi no elevador. Subíamos como se fossemos voar pro infinito. Era pra ser. Lá nos olhamos pela primeira vez. Minha avó estava comigo. Cara de amargura, dessas caras secas de quem já se desviou do amor faz tempo. Os olhos dela, apertados, viam o metal duro a frente. A boca toda presa em rugas que apontavam o rigor da vida fechada para alegrias. O pé direito em batidas curtas com jeito impaciente. Ainda não tínhamos passado pelo terceiro andar. Pararíamos no vigésimo quinto. Com trinta e seis pavimentos, esperei que ele fosse além do nosso. A vó suspirou com jeito de demora. Não aguentava mais aquela explosão que testemunhava. O elevador talvez tivesse uma cor cintilante. Brilhos e estrelas saíam dos meus olhos que de tão disponíveis, olhavam pra cima sem parar. Minhas sobranceiras arqueadas e aqueles meus olhos sonso. Peguei meu dedo pra mexer, já que o coração pulsava dentro, inalcançável e em descontrolado. Arranquei o esmalte em nervoso. Cruzamos olhares. Uma lua saiu dos olhos dele. Era linda! Meus olhos subiram novamente e confirmavam meu interesse. Olhava os números passarem, um a um, enquanto a vó estalava a língua no céu da boca ecoando um som de insatisfação. Da boca dele veio o sorriso. Desviei o olhar em completa entrega. Não era possível olhar nos olhos. Evitei ver a lua dos olhos dele de novo. Evitei vê-lo. Evitei. Minha fuga, ele via, indicava meu interesse. Pensei na Fátima que olhava o homem que quisesse. Sorria e puxava conversa. Fátima ia direto ao ponto e não brincava de gato e rato. Coisa de antigamente, ela reclamava. Eu, pateticamente, presa num hábito inexplicável, era impossibilitada de sorrir, olhar, falar. Mesmo se a vó não estivesse comigo, continuaria olhando pra cima para sinalizar meu interesse. Mas ver os olhos, nunca! Chegamos ao décimo segundo andar. Eu e Marcos de mão dadas. Ainda. A última vez. Nos braços dele Joaquim agonizava. Não chorava. Chiava, uivava. O menino carregava uma doença de tosse de cachorro, um negócio impressionante. No pediatra Marcos sinalizava impaciência com o meu olhar sonso, mas não mais de paixão. É que eu ainda queria aquele homem que me respondia com o silêncio toda noite depois do trabalho. Eu me dediquei ao Joaquim o quanto pude. Era eu com ele e nada mais. O dia inteiro. Marcos fazia uns serviços na Taquara e saía antes de o sol raiar, apressado como se não tivesse mais trem depois das cinco e quarenta. A vó vivia me dizendo que não era fácil sair do interior. Jogava praga em mim dizendo que não ia me acostumar com o isolamento dos outros na cidade grande. Todo mundo junto, apertado, morando embaixo do nariz do outro, subindo muro, parede e cara amarrada. Dizia que eu ia sentir falta de uma batida na porta pra dividir o café com bolo das três em ponto. Mas com o Joaquim adoentado foi difícil ter tempo. Nunca consegui assar um bolo. A janta do Marcos sempre pronta às oito e meia, depois do banho de vinte minutos. Levava na bandeja de flor de cerejeira. Tia Anunciata comprou aquilo a prestação, coitada. Ele ia ver o noticiário e eu ia ver o Joaquim. Eu via o Joaquim o dia inteiro. Ia vigiar o menino dormir. Eu já sabia



de cor e saltado a seqüência do que ia ver. Parede descascada, ponta do berço, golfinho, cortina de peixes. Cortina de peixes, golfinho, ponta do berço, parede descascada. Voltava pra sala e Marcos reclamava do meu chinelo arrastando o taco solto da sala e atrapalhando o som do noticiário. Eu perguntava se tirando o sapato melhoraria, mas ele nem respondia. Marcos andava impaciente comigo. Dizia que trabalhava demais para ter que aturar minha conversa fútil quando a única coisa que ele queria era sossego e um pouco de paz. O homem dava duro mesmo. Trabalhava e botava comida na mesa. Tinha filé aos domingos, quando Marcos almoçava com a gente. Tinha vez que ia pro churrasco com os amigos. Eu e Joaquim ficávamos pra trás. Não reclamo não. Joaquim dá trabalho mesmo e o Marcos merece seu descanso, mesmo se impaciente com a gente. Mas é um bom pai: nunca levantou a mão pro filho doente. Quando não almoçava em casa aos domingos, voltava cedo se comparado com o Zé Márcio um sem vergonha, bêbado, correndo atrás de um rabo de saia mesmo sendo casado com uma santa. A mulher dele, Ondina, vivia um luto. Perdera o filho de três anos, na garagem de casa quando o filho de doze deu marcha ré no carro. Fechada em casa, o marido saía e procurava atividade, já que Ondina tinha morrido com o filho.

Um dia, Marcos resolveu me bater. Depois de parar o sangue da boca, fui pro quarto pensando que merda que eu era que não conseguia me calar e esperar o ânimo dele pra conversar. Por que eu tinha que querer aliviar minha solidão com o meu marido se nem assunto que prestasse eu tinha? O Marcos ia lá querer saber se economizei no açúcar para comprar maçã? Que a Luísa teve alergia com o esmalte novo e foi parar no hospital? Por que eu não esperava o intervalo, os anúncios do Jornal Nacional pra puxar uma conversa que prestasse? Mas não. Eu tinha que atrapalhar o Marcos. Na noite da briga, do sangue, ele me fez botar a boca nele. Dizia que dava mais vontade quando me via assim, sem lugar pra ir. E já que eu não ia embora porque não tinha ninguém e precisava do dinheiro dele pra comer e pra dormir, que eu fizesse ele gozar. Era o mínimo de gratidão. Não que eu tirasse a razão dele. Era agradecida sim.

Eu só estou nesse elevador porque o Marcos quebrou meu dedo. Com a mão capenga não consigo dar comida na boca do Joaquim. Se Marcos me estraga mais o corpo o menino fica sem ninguém. A Mariana me forçou a vir. Disse que tenho direitos e que o Marcos é um bicho. Eu não sei se ela exagera, mas não posso deixar o Joaquim passar mais dificuldade. O meu dedo dói e até tirar esse gesso, o menino vai penar. Cheguei a apertar o botão de volta pro térreo. Esse negócio de delegacia é barraco. Pensei na vó que pairava aqui feito ar pesado. De certo que se conversasse com o Marcos ele daria jeito. Mariana jurava que não.



Se bateu uma vez ia bater sempre. Não sei. Preferi duvidar. O elevador parou no oitavo andar. A porta se abriu e vi a placa da delegacia. Senti uma vergonha dessas de engolir a gente no chão. Apertei rapidinho o botão do térreo. Vou lá buscar o Joaquim na casa da mãe da Mariana. Não posso esquecer de passar na padaria e comprar o empanado que o Marcos gosta. A gente vai resolver isso. Era só fazer tudo com jeito, esperar minha vez na hora do intervalo do Jornal Nacional. O Joaquim não precisa só de mim. Precisa do pai junto, em casa. Deus nos livre e guarde de um lar quebrado, aos pedaços, sem pai e mãe juntos para criar os filhos! Sinto muito pela minha amiga lá do interior que se separou do marido depois de dez anos de casamento. Soube que ele tinha outra. Quando ela quis falar do assunto, ganhou uma surra de cinto que foi parar no hospital. O delegado não prendeu o homem. Quis interrogar a minha amiga, já que homem não reage assim por nada. Naquele angu tinha carçoço! E ela provocou mesmo. Perguntou se era verdade o boato da cidade. O homem virou uma fera. Ela, ao invés de deixar ele se acalmar, quis a verdade. Ganhou uma surra! Não defendo ele não, mas ela não soube a hora de falar. Eu não queria ficar igual essa minha amiga e falir um casamento. Eu precisava aprender a hora de puxar assunto. Casamento é troca. Os dois precisam sempre melhorar. Mesmo que tenha me batido, Marcos não queria ter chegado nesse ponto. Tenho certeza. Eu sei disso porque ele mesmo me falou. Não era possível que o meu marido tivesse esquecido aquele dia no elevador e meu primeiro olhar sonso de amor na vida, vidrada de sonhos, esperando cada andar a passar, até chegar no fim. Não era possível que Marcos tivesse se esquecido da lua de dentro do sorriso dele, do elevador brilhante, cheio de estrelas. Não era possível. Não era. Se eu jogasse a coisa com paciência, quem sabe ele visse em mim o que andava vendo na Lílian? É que sozinha... Sozinha é ruim ficar. Uma hora a gente acerta. Ele nunca quis me ofender. Eu me lembro do rosto do Marcos me dizendo isso. Ele segurou minha mão, calmo, procurou meus olhos. Mas meus olhos já rodopiavam no ar, franzindo a testa e a sobrancelha. Enquanto eu não olhasse o Marcos nos olhos, eu sonsa, ainda esperava pra ver a lua do sorriso dele de novo. E olha, quando não chove, céu aberto.